



DESBRAVANDO HORIZONTES IMAGINÁRIOS

Jakeline Modesta Almeida Fachin (PPGE/UFMT) –jake.fachin@gmail.com@gmail.com

Tatiani do Carmo Nardi (PPGE/UFMT) – tatianicnardi@gmail.com

Michèle Sato (PPGE/UFMT) – michelesato@gmail.com

GT 6: Educação Ambiental, Comunicação e Arte

Resumo:

Neste artigo, buscamos discorrer sobre a trajetória formativa de pesquisadoras do grupo pesquisador em educação ambiental, comunicação e arte (GPEA) em busca de compreender a metodologia fenomenológica denominada “Cartografia do Imaginário” criada por Michèle Sato (2011). Nosso objetivo é discutir sobre a importância do processo formativo e destacar as impressões e sensações despertadas durante os estudos. Os encontros possibilitaram diálogos fecundos e novas interpretações sobre a referida metodologia. Ao encontro da proposta, nos aventuramos na criação e registro de nossas impressões. Estudar esta metodologia, contribui para nossa formação e compreensão dos diversos caminhos, trilhas e horizontes possíveis para se pesquisar e estudar a Educação Ambiental ancorada na fenomenologia que conduzindo o percurso científico investigativo.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Formação. Imaginário. Metodologia. Fenomenologia.

1 Explorando o labirinto

Este estudo teve sua gênese diante da trajetória de duas pesquisadoras com o desejo de adentrar os labirintos fenomenológicos da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011). Um desafio em busca da compreensão de uma metodologia que nos instiga e provoca a reinventar palavras, a procura de conhecimentos que possam reconstruir a condição humana (SATO, 2011, p. 2), e nos convida a incluir as concepções teóricas que possibilitam a criação dessa realidade e o sopro criativo do investigador (MINAYO, 1994).

A cartografia do imaginário (SATO, 2011), é uma metodologia fenomenológica criada pela professora Dra. Michèle Sato, que coordena o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), desde a sua chegada em Mato Grosso no ano de 1994. Essa metodologia nasceu da vontade de auxiliar os/as pesquisadores/as a pensar e fazer pesquisa em educação ambiental. É um convite para que se aventurem nesse percurso da

pesquisa, nesse movimento inacabado da descoberta, em que cada pesquisador/a constrói sua própria trajetória, na descoberta das múltiplas possibilidades de se fazer uma pesquisa. Para isso, é preciso coragem e autonomia, pois, “um campo investigativo exige enorme responsabilidade e grau de compromisso” (SATO, 2011, p. 4). A proposta é desafiadora e nos apresenta “miríades de possibilidades” (SATO, 2011, p.2), provocando os/as pesquisadores/as a se **perderem** e se **encontrarem** no labirinto do conhecimento, abertos/as a novos conhecimentos, sensações, descobertas e reinvenções, respeitando o rigor científico, mas permitindo que a pesquisa se torne mais prazerosa e criativa.

Para poder compreender uma teoria com tamanha densidade como é a cartografia do imaginário, o primeiro passo nessa direção é estudar, como bem recomenda a autora. Diante disso, nossa intenção foi de nos debruçarmos sobre este texto no intuito de esmiuçar com detalhe cada parte que o compõe, para assim, entender os significados camuflados nas metáforas, mitos e poesias, que encanta com a forma poética e inspiradora de pesquisar a educação ambiental.

Diante desse desafio, certas de que o estudo coletivo nos permite expandir o conhecimento, pois é por meio das trocas e partilhas que as possibilidades interpretativas se ampliam e é por meio do entrelaçar da pluralidade de pensamentos que as teias de saberes são enriquecidas, criamos um grupo de *whatsapp* traçando a nossa rota inicial, em direção aos primeiros passos dos nossos diálogos formativos.

Diante do exposto, temos como objetivo discutir a importância do processo formativo sobre a metodologia fenomenológica “Cartografia do Imaginário” (SATO, 2011), e destacar as impressões e sensações despertadas durante os encontros. A nossa proposta é registrar, com riqueza de detalhes, todo o caminho trilhado nessa aventura científica investigativa fenomenológica, pois compreendemos que o percurso trilhado é tão importante ou mais do que a chegada. Os estudos foram realizados em 4 encontros, nos meses de agosto e setembro. Cada encontro nos revelou uma nova oportunidade de adentrarmos e nos aventuramos no horizonte de possibilidades que temos nas pesquisas em educação ambiental à luz da cartografia do imaginário.

2 Coragem para caminhar

Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar pressupõe criar, recriar e não apenas repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário!

(Paulo Freire, 1994)

Michèle Sato (2011), na cartografia do imaginário nos alerta para a importância de estudar, mas estudar no eterno gerúndio, como se fosse um movimento que não se acaba, pois assim se torna possível inventar, reinventar, voar, imaginar, devanear. Nessa mesma direção, o grande mestre Paulo Freire (1994) já chamava a atenção sobre o quão revolucionário é o ato de estudar, mas que, porém, exige esforço, comprometimento e disciplina, pois só assim, podemos ir além da repetição.

Nesse pressuposto, é um grande desafio realizar uma pesquisa em educação ambiental, ancorada na cartografia do imaginário (SATO, 2011). Essa escolha exige do pesquisador um compromisso ético e político, mas também coragem para “imaginar e construir um mundo melhor para nossa condição humana” (SATO, 2011, p. 8) e, quiçá, para todas as formas de vida. Em uma sociedade em que inúmeras identidades e diversidades estão presentes, mas que muitas vezes marginalizadas, criminalizadas e invisibilizadas, o compromisso em pensar e fazer pesquisa em educação ambiental, contribui para a desconstrução da hegemonia e “colabora com o que podemos alicerçar para o nosso futuro” (SATO, 2011, p.1).

Mas, para isso, é preciso estudar, estudar e continuar estudando, principalmente em um contexto em que lidamos com a crescente negação e ataques ao conhecimento científico e a valorização de informações sem nenhuma comprovação. Mediadas pelas tecnologias digitais, à desinformação confunde e engana os nossos sentidos e impacta significativamente o nosso modo de ser e estar no mundo. Essas mudanças paradoxais também exigem mudanças na forma com que o conhecimento científico é produzido, de maneira a estabelecer diálogos epistemológicos fecundos, porém, livre dos obstáculos epistemológicos prévios, com a coragem de explodir em lutas coletivas, aliando pesquisa e militância (SATO, 2011).

Para adentrar nesse labirinto da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011) é preciso coragem e autonomia, pois, “um campo investigativo exige enorme responsabilidade e grau de compromisso” (SATO, 2011, p. 4). E para isso, o GPEA, vem desenvolvendo suas pesquisas em educação ambiental, ancoradas em 3 dimensões:

compromisso político, ético e ideológico (**axiológico**), aplicação prática e reflexiva (**praxiológica**) e, sustentada pela dimensão teórica (**epistemológica**) (SATO, 2011; FERREIRA, SATO, 2019). Desse modo, a metodologia referida “transita pelas pesquisas, acreditando na liberdade de construir junto aos pesquisadores/as um processo que possa gerar autonomia em suas experiências científicas” (FERREIRA; SATO, 2019, p. 4). A proposta é desafiadora e nos apresenta miríades de possibilidades, provocando os/as pesquisadores/as a se **perderem** no labirinto do conhecimento, abertos/as a novas aprendizagens, sensações, e se **encontrarem** nas descobertas e reinvenções, respeitando o rigor científico, mas permitindo que a pesquisa se torne mais prazerosa e criativa.

No trilhar deste labirinto, o que importa não é somente o destino final, ou encontrar a saída, mas todo o caminho percorrido durante a trajetória (SATO, 2011), cada detalhe percebido, cada obstáculo superado, cada percepção apreendida durante o percurso. Isso nos leva a construir uma pesquisa com riqueza de detalhes, oportunizada por uma pesquisa qualitativa que trabalha com o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p.21). Assim, uma pesquisa ancorada na cartografia do imaginário, revela “aquilo que somos no espaço real (existência), mas também aquilo que queremos ser no espaço ilusório (devir)” (SATO, 2011, p. 1). E para isso, os gráficos, tabelas e indicadores quantitativos, não cabem nessa travessia, pois, em busca de resultados imediatos, deixam para trás os processos de experiências qualitativos mais genuínos (FERREIRA; SATO, 2019).

A Cartografia do Imaginário (SATO, 2011), é uma metodologia fenomenológica que nos dá suporte para o desenvolvimento de pesquisas em educação ambiental e permite a construção de redes de diálogo, entrelaçando projetos de pesquisa nacionais e internacionais. A perspectiva de educação ambiental adotada pelo grupo pesquisador está interligada com o compromisso ético, político e socioambiental.

Influenciada por Gaston Bachelard, Sato (2011) recria palavras, dá asas a sua imaginação e embarcar no espaço ilusório dos mitos, inundada por poesia e muito estudo, nos presenteia com uma metodologia fenomenológica que impulsiona a reinventar, criar, brincar com as palavras, possibilitando ao pesquisador/a encontrar, por meio de seu imaginário, uma infinidade de caminhos. Assim, “uma pesquisa é como conjugar o verbo pensar no eterno gerúndio, como se fosse um movimento que não se

acaba, e por ser algo em plena construção, é possível fugir da rigidez do método científico da Modernidade, abrindo miríades de possibilidades” (SATO, 2011, p.2).

Certamente, na trajetória desse labirinto, cabe ao pesquisador/a autonomia de desbravar o ambiente e suas dimensões, acomodando conceitos, mudando títulos, revendo o caminho, escolhendo, diante de múltiplas possibilidades, o melhor transporte para a viagem. E para essa viagem, podemos contar com a orientação de Michèle Sato, que, além de pesquisadora e cientista, ainda se coloca como parceira de trilha (FERREIRA; SATO, 2019).

2.1 Diálogos fecundos

Para adentrar nessa aventura investigativa e em busca de compreender essa metodologia que nos impulsiona a usar a imaginação criativa para ousar e criar, mas que também nos alerta sobre a importância de estar atentos/as aos rigores do programa de pós-graduação, propomos dar início a essa travessia em parceria com pesquisadores/as do GPEA, certas de que por meio do diálogo e da partilha, os significados vão se (re) construindo nesse movimento de “formação, deformação, transformação e reformação” (SATO, 2011) dos saberes. Inspiradas na pedagogia freiriana, cada resposta dada a um desafio muda o próprio ser, “um pouco mais e de maneira diferente a cada desafio” (FREIRE, 2016, p. 71). Estudar de maneira coletiva possibilita a troca de saberes, a partilha de entendimentos, abrindo caminhos fecundos que levam ao “sobrevoo em imaginação e vivência praxiológica, do sentido empírico na pesquisa que demarca o cotidiano de um grupo pesquisador” (SENRA; SATO, 2009, p. 143). Um grupo pesquisador como o “GPEA busca transcender o isolamento do pesquisador, valorizando os diálogos entre as diferentes estrelas [...]” (SENRA; SATO, 2009, p.140).

Nesse “dever coletivo de árvore” (SATO, 2011, p. 5), com o compromisso ético de estar no mundo, de agir e participar ativamente, iniciamos os **diálogos formativos** de maneira virtual, pelo contexto de isolamento social exigido pelo momento pandêmico que estamos atravessando. O estudo e a pesquisa nos proporcionam “um renascer para novas experimentações e sensações” (SATO, 2011 p.9) possibilitando uma metamorfose durante o “processo de busca de teorias que auxiliem a compreensão das etapas de nossas vidas, à luz da construção de identidades híbridas na educação ambiental” (SATO, 2011, p. 9).

Nessa direção, em um processo de **deformação**, buscando superar os empecilhos que possam aparecer na pesquisa, os obstáculos epistemológicos, praxiológicos e

axiológicos, como pesquisadoras do GPEA e inspiradas pela cartografia do imaginário que nos impulsiona a navegar por mares por vezes calmos, por vezes revoltos (SATO, 2011), formamos um grupo de WhatsApp para organizarmos a logística dos encontros. Pesquisadores/as do GPEA foram convidados/as para construirmos juntos/as esse momento de formação. Porém, devido às atribuições cotidianas e a dificuldade de conciliar horários, a participação dos demais integrantes foi inviabilizada. Após refletirmos sobre a importância de iniciar nossos encontros, resolvemos dar início aos estudos em dupla e prosseguir com a nossa curiosidade investigativa.

Nossos diálogos formativos se deram nos meses de agosto e setembro, em um total de 04 encontros, todos de maneira online, pelo aplicativo *Google Meet*. Nesses encontros debatemos e compartilhamos nossa interpretação e impressões sobre a metodologia. Inspiradas pela proposta criadora da Cartografia do Imaginário de Michèle Sato, nos propusemos a brincar com nossa criatividade, dando vazão aos sentimentos provocados durante os estudos. A criatividade do pesquisador está no campo da experiência, da imaginação, da subjetividade e corresponde a sua experiência reflexiva, capacidade pessoal de interpretação e síntese teórica, a sua memória intelectual e capacidade de exposição lógica (MINAYO, 2002).

Estudar a cartografia do imaginário nos incitou a ampliar a nossa capacidade criativa e ousar, mesmo que muito timidamente, ensaiar alguns passos em direção à imaginação. Além disso, nos lembra da importância de reafirmar nosso compromisso epistemológico, em buscar autores que contribuam na compreensão do fenômeno ao qual nos propomos pesquisar. Nesse processo, um misto de sentimentos e sensações nos permeia tal qual um passarinho, que recém saiu do conforto de seu ninho para se arriscar em seu primeiro voo.

Entre o nosso direito de janela e dever de árvore, vamos nos formando e deformando e transformando, e entender esse processo nos torna educadoras ambientais comprometidas com a ética, nos posicionando em defesa daqueles/as que se encontram marginalizados/as, em favor da vida, da ciência e da diversidade cultural existente, com ética e responsabilidade.

2.2 Aventurando pelos encontros cartográficos imaginários

Viver, viver verdadeiramente uma imagem poética, é conhecer, em cada uma de suas pequenas fibras, um dever do ser que é uma consciência da inquietação do ser. O ser é aqui de tal maneira sensível que uma palavra o inquieta.

(Bachelard, 1989)

Figura 1: Desenho inspirado na metodologia Cartografia do Imaginário (SATO, 2011)



Fonte: Tatiani Nardi, 2021.

Nosso interesse em aprender a metodologia fenomenológica cartografia do imaginário (SATO, 2011), nos levou a iniciar nossos estudos com compromisso e dedicação, motivadas pela inquietação que nos move nesse labirinto de descobertas e aventuras. Desta maneira, seguimos pelas nossas interpretações e descobertas que descortinam que “[...] um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso” (BACHELARD, 1988, p.8).

O primeiro encontro foi realizado no dia 09 de agosto de 2021, a proposta foi debater o que tínhamos lido e compreendido da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011). Cada encontro se iniciava com uma palavra mencionada por cada uma das participantes, que tivesse relação com o momento de estudo. A proposta das palavras é para delinear os significados que os estudos iam trazendo e os sentimentos provocados com as descobertas de cada encontro. Nesse primeiro diálogo formativo, as palavras que escolhemos para iniciar nosso percurso investigativo foram **amizade produtiva** e **descoberta**.

A escolha do termo ‘amizade produtiva’ representa que a amizade foi necessária para que pudéssemos realizar os encontros cartográficos. Essa escolha proporcionou um aprendizado fecundo por meio da troca e interação. Compreendendo que cada encontro é de aprendizagem e formação, a palavra ‘descoberta’ teve relação com ânsia de encontrar novos sentidos, diante da possibilidade da discussão e da partilha. Ler o texto, ouvir e falar nossas interpretações e impressões, nos levou a descobrir uma nova forma de compreender a cartografia do imaginário, em um universo onde a “[...] pesquisa é um labirinto, que ao buscar conhecimentos, reconstrói a condição humana em querer mudar a vida, reinventando a paixão! (SATO, 2011, p.2).

Neste início compreendemos que haveria inúmeras possibilidades investigativas científicas em Educação Ambiental. E que nesse momento formativo de diálogos e interpretações “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p.21).

No segundo encontro, que aconteceu no dia 25 de agosto, surgiu o nosso interesse de escrever nossa vivência formativa, discutimos o título do texto, com possibilidades de sofrer alterações, mas buscando inspirações criativas oferecidas pela metodologia. As palavras que destacamos foram **aventura** e **persistência**. Para nós, é preciso se ‘aventurar’ num sobrevoo sobre as terras e matas, com um “olhar de passarinho” que abre fronteiras nunca vistas, e nos convida a pensar no futuro (SATO, 2011). Mas para isso, é preciso ‘persistir’ na aventura da pesquisa, olhando para cada detalhe escondido, esmiuçando o trajeto, sentindo cheiros, ouvindo sons, insistindo e persistindo diante das dificuldades nesse “sentir do passarinho”, que torna a jornada enriquecida com cada detalhe percebido e descoberto (SATO, 2011). Ressaltamos que o campo investigativo científico exige compromisso e responsabilidades. Esta ciranda de aprendizagens, saberes e conhecimentos possibilitam infinitas descobertas, onde cada pessoa escolherá seu itinerário para a viagem científica investigativa, e que o mais importante do

percurso é o caminho e não o destino final almejado “a mistura de alguns transportes é interessante porque nos possibilita diversas interpretações e descobertas” (SATO, 2011, p.5).

Provocadas por Sato (2011), arriscamos a dar um tímido passo em direção a nossos devaneios e registrar, por meio da expressão artística, nossos sentimentos e percepções acerca de nossos encontros. Esses ensaios serão registrados no decorrer do texto.

Figura 2: Arte com verso dos encontros cartográficos



Fonte: Jakeline Fachin, 2021.

Vivacidade

Encontros, Desencontros

Imaginar, Sonhar, Realizar!

Acreditar em um horizonte colorido e possível

Cartografar

Caminhar, Navegar, Voar

E se Aventurar!

Tatiani Nardi, 25/08/2021

No terceiro diálogo formativo, realizado no dia 02 de setembro, adentramos nos 4 elementos metaforizados por Sato, com aquilo que “Bachelard (1988) considerava sobre o processo de aprendizagem: formação – deformação – transformação – reformação.”

ÁGUA [formação] – a nossa constituição original, a gênese do desejo que dará as possibilidades de uma viagem científica;
TERRA [deformação] – vencer os obstáculos epistemológicos, mesclando cenários, um “reaprender a aprender”, ainda que o processo seja dolorido;
FOGO [transformação] – na combustão da chama, a mudança desejada, o processo de busca, de envolvimento e de engajamento;
AR [reformulação] – é o tempo do repouso para que um novo ciclo reinicie, a consideração geral da viagem, a memória, o encantamento e o reencantamento da pesquisa. (SATO, 2011, p. 6)

Os elementos formativos água (transformação), terra (deformação), fogo (transformação) e ar (reformulação), estão presentes em todo o percurso de nossa trilha científica investigativa, nos permitindo ir além da racionalidade e nos desafiando a aliar pesquisa e poesia.

As palavras que destacamos para esse encontro foram **transformação** e **horizonte**, e ressoam as nossas experiências de pesquisadoras nesse movimento de formar, deformar, transformar e reformar. O ‘transformar’ por meio de nossas partilhas nos desvela um ‘horizonte’ de possibilidades no mundo da pesquisa e aponta formas de viver e aprender neste momento de pandemia, onde “é preciso reinventar a experiência de estar neste mundo de uma maneira mais simples e solidária”. (SATO; SANTOS; SANCHEZ, 2020, p.13).

Nesta aventura vou adentrar

Para aprender e conhecer!

O imaginário vai inspirar

E envolver o meu ser!

Tatiani Nardi - 01/09/2021

Para terminar a leitura em constante interpretação, diálogos, criatividade e inspiração marcamos a data 06 de setembro, para realizar as considerações e

compartilhar as compreensões essenciais sobre a metodologia, evidenciando as palavras **reconstrução** e **sensibilidade**. Durante todo o percurso foi possível interpretar e compreender a metodologia por diversas dimensões, com novos olhares, como horizontes de possibilidades que os encontros cartográficos imaginários proporcionaram, conectando a amizade, a curiosidade de aprender cada vez mais, de uma formação continuada inspirada pela Cartografia do Imaginário (SATO, 2011), com sensibilidade e imaginário “a imaginação põe sempre um estímulo em todos os nossos sentidos” (BACHELARD, 1989, p.70). Nesse viés, as palavras deste último encontro denotam o poder transformador que a proposta de um grupo pesquisador tem. Realizar esse percurso investigativo em parceria mostra a importância de mergulhar lado a lado, construindo diálogos fecundos cartográficos que permeiam não só a nossa pesquisa, mas o nosso modo de ver e ser no mundo.

O dia inicia

A alegria irradia

Elementos da natureza se interligam

Imaginar se torna nosso universo

Em encontros formativos cartográficos

Aprendemos e vamos nos envolvendo cada vez mais

Nessa aventura científica investigativa

Tatiani Nardi - 06/09/2021

Assim essa vivência, experiência formativa foi como criar asas e voar em nossa imaginação, caminhar em trilhas permeadas com novas interpretações, navegar por possibilidades. A fenomenologia, como ressalta Sato (2016, p.22), interpreta vários sentidos e estabelece relações interligadas sem que percam suas singularidades, pois somos seres sociais e desenvolvidos pelas nossas vivências e experiências ao longo de nossa vida.

Nos momentos em que nos dedicamos a ler e escrever, voltamos para a casinha do caracol, pois é o instante em que precisamos para termos uma ligação com nosso interior e exterior sobre o que aprendemos, e assim construir e desenvolver o que almejamos para nosso propósito. Adentrarmos em nossa floresta interior que nos mostra árvores com inúmeras diversidades, exuberância e beleza e nos inspira a viver a vida verdadeiramente no momento de produzir o trabalho científico investigativo, fruto de um processo formativo e ter a inspiração que pode levar a ação, ter o posicionamento na

escrita, coragem de desbravar e ousar realizar uma pesquisa com sensibilidade, criatividade, arte e poética.

No GPEA usamos a metáfora do caracol de Manoel de Barros para referir a esse momento em que voltamos para o nosso interior, para dentro da casa do caracol, onde temos o nosso direito de nos cuidar, de nos recolher, é o “direito de janela” (SATO, 2011), mas também temos o dever de sair da casa do caracol e agir, é o “dever de árvore” (SATO, 2011), quando vamos nos envolver e ousar em dimensões possíveis para contribuir com diversas áreas de nossa sociedade com nossas pesquisas e estudos, seja fazendo publicações, participando de eventos, congressos, fóruns e cursos, atuando para fortalecer o coletivo (SATO, 2016). Nesta ação, neste movimento vamos redescobrir que “É fundamental, portanto, que uma pesquisa em EA seja apaixonadamente subversiva. Livre, mas legítima.” (SATO, 2001, p. 33). Destacando que nossas narrativas buscam “evidenciar que para a atuação em ser-em-grupo, é condição essencial às tessituras de conexões, comunicações e articulamentos” (SATO; OLIVEIRA; JÚNIOR; WERNER, 2019, p. 11)

3 Saída do labirinto

Neste trabalho, buscamos trazer nossas impressões sobre a “Cartografia do Imaginário” (SATO, 2011), a partir de diálogos formativos que se deu entre duas pesquisadoras do GPEA, diante da necessidade de adentrar e trilhar esse labirinto cartográfico, permeado de aventuras, descobertas e uma formação significativa e marcante.

Como pesquisadoras que utilizam essa metodologia em suas pesquisas, nos aventuramos a compreender a proposta e estudá-la por meio dos encontros online formativos que nos propiciou diálogos férteis e fecundos. Destacando que não há receitas, nem guias e fórmulas, mas sim a entrega em viver a pesquisa, se aventurar, pois é preciso adentrar nesse universo imaginário, para que confiantes nos caminhos que a metodologia nos ajuda a trilhar, possamos buscar teorias que auxiliem nesse desbravar de horizontes investigativos.

Assim, diante da necessidade de compreendermos mais sobre a “Cartografia do Imaginário” de Michèle Sato, nos aventuramos em sua metodologia, que se tornou uma

viagem de aprendizados a cada encontro online, pois fomos conhecendo, descobrindo com novos olhares, permeado com sensibilidade e curiosidade. As nossas narrativas colaboram para que novas trilhas, caminhos possam ser desbravados amparado pela metodologia.

Importante ressaltar que a escolha do itinerário e o transporte escolhido foram de total relevância nessa trajetória. Além disso, a escolha da companheira de viagem, a parceria e confiança estabelecida nesse trilhar, fortalecendo os laços da amizade, tornou possível que, durante nossos encontros descobríssemos terrenos férteis e profícuos para o entendimento da metodologia. Como resultado, foi possível perceber o avançar de nossos diálogos e discussões, mas também, a certeza de que esse foi um entre tantos labirintos que precisamos nos aventurar, nesse movimento incessante de estudar, pesquisar e aprender. Esses momentos de estudo confirmaram a importância da proposta anunciada pelo GPEA de estudar coletivamente, valorizando a partilha e as trocas que ocorrem, enriquecem e nos leva a novas descobertas, novos olhares e novas percepções sobre uma leitura que, ao sair do direito de janela e se permitir viver as sensações que o dever de árvore proporciona, nos levam a alçar voos que ressoam as vivências e experiências.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Barueri. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FERREIRA, Carlos Roberto; SATO, Michèle. Cartografia do Imaginário: Metodologia como processo na pesquisa em arte-educação-ambiental. In: **SemiEdu 2019: Debates sobre a educação, pesquisa e inovação**. Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Cuiabá, Mato Grosso, 2019.

FREIRA, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Coleção questões da nossa época, v.13. 29. ed. São Paulo, Cortez. 1994.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo. Editora Cortez, 2016.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, jan-abr, n.19,2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21ª. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira. **Caminhos do pensamento: epistemologia e método** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; Romeu Gomes. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

SATO, Michèle. Cartografia do Imaginário no Mundo da Pesquisa. In: ABILIO, F. J. P. **Educação Ambiental para o Semiárido**. Editora Universitária da UFPB, 2011.

SATO, Michèle. **Ecofenomenologia: uma janela ao mundo**. Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental. E –INSSN 1517- 1256, Ed. Especial, julho, 2016.

SATO, Michèle, SENRA, Ronaldo Eustáquio Feitosa. **Estrelas e constelações aprendizes de um grupo pesquisador**. Ambiente & Educação (FURG). , v.14, p.139 - 146, 2009. <http://www.seer.furg.br/index.php/ambeduc/article/view/1613>

SATO, Michèle; SANTOS, Déborah; SANCHEZ, Celso. **Vírus: simulacro da vida?**. Rio de Janeiro: GEA-Sur, Unirio& Cuiabá: GPEA, UFMT, 2020.

SATO, Michèle. **Apaixonadamente Pesquisadora em Educação Ambiental**. Educação. Teoria e Prática (Rio Claro). , v.9, p.24 - 35, 2001. Disponível em:<<https://revistaea.org/artigo.php?idartigo=108&class=20>>

SATO, Michèle; OLIVEIRA, Herman; JÚNIOR, Armando Tafner; WERNER, Inácio. Para não Dizer que não Falamos das Flores. In: RAIMUNDO, H.; BRANCO, E.; BIASOLI, S.; SORRENTINO, M. (Orgs.) **Avaliação e Monitoramento de Políticas Públicas de Educação Ambiental no Brasil: Transição Para Sociedades Sustentáveis**. Brasília: FUNBEA & ANPEA, 2019 (prelo)